



Revista Comunicação Midiática
ISSN: 2236-8000
v. 16, n. 2, p. 22-34, jul./dez. 2021

“Dama de Ferro”: Reflexões sobre gênero e esporte a partir do documentário *Mulheres na luta*¹

“Dama de Ferro”: Reflexiones sobre género y deporte del documental *Mulheres na luta*

“Dama de Ferro”: Reflections on Gender and sport from the documentary *Mulheres na luta*

Tarcyanie Cajueiro Santos

É professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco, mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, com pós-doutorado pela mesma instituição. tarcyaniecs@gmail.com

RESUMO

Este artigo propõe, a partir de uma perspectiva crítica, analisar o episódio “Dama de Ferro”, na série documental *Mulheres na luta*. Utiliza-se os conceitos de representação e estudos de gênero, assim como análise de narrativas, na metodologia. Conclui-se que, na série documental, Viviane Sucuri aparece como uma atleta que encontra no MMA uma possibilidade não apenas de ascensão social, como também de se opor a uma concepção universalista de mulher, que a coloca em um lugar determinado e essencialista. Por outro lado, não há por parte da atleta quaisquer questionamentos sobre sua condição social de mulher e de classe subalterna.

Palavras-chave: mídia; gênero, esporte; artes marciais mistas.

RESUMEN

Este artículo propone, a partir de una lectura crítica, analizar cómo se construye el género de la luchadora de MMA en el episodio “Iron Lady”, de la serie documental *Mujeres en la lucha*. En la metodología se utilizan los conceptos de representación y estudios de género, así como el análisis narrativo. Se concluye que, en la serie documental, Viviane Sucuri aparece como una deportista que encuentra en el MMA una posibilidad no solo de ascenso social, sino también de oponerse a una concepción universalista de la mujer, que la coloca en un lugar determinado y esencialista. Por otro lado, la deportista no cuestiona su estatus social como mujer y clase subordinada.

Palabras clave: mídia; genero; esporte; artes marciais mistas.

ABSTRACT

This article proposes, from a critical reading, to analyze how the gender of the MMA fighter is constructed in the episode “Iron Lady”, in the documentary series *Women in the struggle*. The concepts of representation and gender studies are used, as well as narrative analysis, in the methodology. It is concluded that, in the documentary series, Viviane Sucuri appears as an athlete who finds in MMA a possibility not only of social ascension but also of opposing a universalist conception of woman, which places her in a determined and essentialist place. On the other hand, there is no question from the athlete about her social status as a woman and subordinate class.

Keywords: media; gender; sport; mixed martial arts.

Introdução

Este artigo é parte da pesquisa financiada pela Fapesp — “A representação das atletas do UFC: mídias e práticas socioculturais” —, sobre esporte e gênero e tem como tema refletir sobre as representações midiáticas das lutadoras de Artes Marciais Mistas (MMA) na série documental *Mulheres na luta*, cuja estreia ocorreu no dia 2 de dezembro de 2018, no GNT, canal da Rede Globo. Coproduzida pelo Ultimate Fight Championship (UFC), pela plataforma de pay-per-view Combate e a produtora Conspiração, a série conta, em oito episódios, com a participação de lutadoras brasileiras de MMA.

Dirigida por Flávio Barone e uma equipe de mulheres, a série objetiva contar como foi a introdução dessas atletas no MMA, mostrando a partir de suas narrativas, seus desafios, dificuldades e vitórias, antes mesmo de terem entrado neste esporte. O diretor menciona que evitou um olhar diferente do já apresentado, procurando filmar um novo prisma (Rocha, 2018). Essa afirmação do diretor é emblemática, na medida em que o MMA, assim como o campo esportivo como um todo, se constitui como uma área de reserva masculina, na qual originalmente as mulheres são vistas como intrusas. O esporte é, dessa forma, uma prática social generificada e generificadora, que produz e reproduz um sistema de relações de poder entre homens e mulheres, no qual os homens ainda são protagonistas (Goellner, 2008). Visto a partir do ideal de virilidade e força, o treinamento do MMA é de alta intensidade, árduo, longo e doloroso, impondo diversos desafios aos/as atletas, cujos corpos musculosos acabam transpondo, no caso das lutadoras, os regimes de feminilidades dominantes.

Diante disso, objetivamos refletir sobre as relações de gênero a partir do segundo episódio da série intitulado “A Dama de Ferro”, sobre a atleta Viviane Sucuri. Esta lutadora, saída de um projeto social no Nordeste brasileiro, foi a única cearense a assinar com o Ultimate Fight Championship (UFC), que é a empresa promotora do maior campeonato de Artes Marciais Mistas (MMA) do mundo. Tornar-se uma lutadora contratada pelo UFC é a concretização de um sonho das lutadoras e dos lutadores de MMA, devido à exposição midiática e as possibilidades de fama e lucro que advém daí.

Por se tratar de um esporte considerado masculino, conforme as concepções convencionais sobre o que é ser homem e mulher, posto que pressupõe para sua prática corpos fortes e hipertrofiados, além de seu suposto caráter violento, elegemos como proposta de reflexão a seguinte problemática: como o gênero da lutadora de MMA é construído no documentário e quais os seus desdobramentos na experiência esportiva e no contexto sociocultural sobre as quais se ancora?

Para discutir e tentar responder essas questões, iniciamos o artigo contextualizando brevemente a origem da categoria de gênero, demonstrando o referencial teórico adotado. No segundo momento do artigo, apresentamos o contexto sociocultural do UFC e de como as atletas se inserem neste campeonato, dando ênfase a trajetória de Viviane Sucuri, campeã de MMA, com a conquista de quatro cinturões, conforme aparece no documentário. No terceiro, discutimos os aspectos metodológicos e, no quarto, a interpretação e análise propriamente ditas.

Gênero: algumas considerações

Scott (1995) nos diz que palavras, ideias e coisas têm uma história, com sentidos irreduzíveis a quaisquer tentativas de codificação. Gênero não fica fora dessa lógica, como

categoria analítica, apenas aparece no final do século XX, estando até então circunscrita a uma definição gramatical na qual é apresentada como uma forma de classificar fenômenos, que indica formas femininas e masculinas na linguagem. No pensamento social, gênero aparece como um conceito repleto de possibilidades, uma tentativa de inaugurar um novo patamar de conhecimento, que se refere à construção social do sexo e das suas relações, tendo como origem a noção de cultura. Sua origem provém dos estudos feministas pós 1960, que buscou superar “problemas relacionados à utilização de algumas das categorias centrais nos estudos sobre as mulheres” (Piscitelli, 2001, p. 8), tais como mulher, opressão e patriarcado. Seu ponto de partida foi o de entender e superar a subordinação feminina e as assimetrias percebidas através das diferenças entre homens e mulheres, nas teorias existentes até então. Nesse sentido, emergiu em um momento de grande efervescência epistemológica, conforme a reflexão feita por Scott (1995), na qual a mudança do “paradigma científico” para o “paradigma literário” entre os cientistas sociais pressupunha a substituição da ênfase dada à explicação causal e universal dos fenômenos à ênfase no significado, na medida em que a realidade passa a ser vista como uma construção significativa e não um dado a priori, como defendia uma dada corrente.

O termo identidade de gênero foi introduzindo em 1963 pelo psicanalista Robert Stoller, sendo difundido no pensamento feminista por Gayle Rubin, em seu texto: “O tráfico das mulheres: notas sobre a economia política do sexo” (1993), obra precursora dos estudos sobre gênero e sexualidade. Nesse momento, apesar de um avanço teórico em relação à categoria mulher, gênero ainda estaria impregnado por um olhar naturalista. Nicholson (2000), ao traçar uma análise histórica acerca dessa categoria, chama atenção sobre as maneiras pelas quais gênero tem sido interpretado: aparece, especialmente pelas feministas da “segunda onda”, como algo diferente e antagônico a sexo, na medida em que enquanto gênero é algo socialmente construído, no mundo da cultura; sexo seria algo dado, inserindo-se no mundo da natureza. “Aqui, ‘gênero’ é pensado como referência à personalidade e comportamento e não ao corpo” (Nicholson, 2000, p. 9), escreve a autora, enquanto o sexo é visto como algo que fica fora da cultura e da história, estabelecendo a diferença entre masculino e feminino. Apesar de um avanço sobre o determinismo biológico, sexo ainda aparece como a base sobre a qual o gênero se constrói, constituindo-se mais como um “fundacionalismo biológico”, do que propriamente como uma categoria usada como referência a construções sociais que digam respeito à distinção entre masculino e feminino.

Crítica da perspectiva binária, que se estabelece sobre os termos igualdade/diferença, Scott compreende gênero a partir de duas proposições ligadas entre si: o de que ele é “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” (Scott, 1995, p. 86) e o de que é “uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 1995, p. 86), que implica em quatro elementos inter-relacionados sobre os quais os/as pesquisadores/as deveriam se ater a fim de compreender o que fundamenta a ideia da “permanência intemporal” presente na representação binária do gênero em nossas sociedades: “em primeiro lugar, os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas (e com frequência contraditórias)” (Scott, 1995, p. 86), como, por exemplo, a representação de mitos femininos como os da Virgem Maria, de Eva, além de mitos que invocam luz e escuridão, inocência e corrupção. Importa, conforme esta autora, perguntar “que representações simbólicas são invocadas, como e em quais contextos? Em segundo lugar, conceitos normativos que expressam interpretações dos significa-

dos dos símbolos, que tentam limitar e conter suas possibilidades metafóricas” (Scott, 1995, p. 86), como os expressas por doutrinas religiosas, científicas, jurídicas, entre outras, que se apoiam numa posição binária fixa, afirmando “de maneira categórica e inequívoca o significado do homem e da mulher, do masculino e do feminino” (Scott, 1995, p. 86). Em terceiro lugar, “Esse tipo de análise deve incluir uma concepção de política bem como uma referência às instituições e à organização social” (Scott, 1995, p. 87), que vá além do parentesco e abarque também outras esferas, como a econômica. Em quarto lugar, a identidade subjetiva é considerada por Scott (1995) como um aspecto importante das relações de gênero e, como tal, deve ser levada em conta.

Essa conceituação, além de partir da concepção de que as relações de gênero são práticas historicamente datadas e socialmente organizadas — e não o simples produto de determinações biológicas —, incorpora, na primeira proposição, a questão do significado e, na segunda, a de que “as relações de gênero são relações de poder” (Toneli, 2007, p. 142), que se estabelecem como relações desiguais dispersas e discursivamente constituídas em “campos de força” social. O significado aparece como uma alternativa à busca pela causalidade geral e universal, importando perguntar como as coisas se passaram para descobrir porque elas se passaram. De acordo com Scott (1995, p. 86), “Para buscar o significado, precisamos lidar com o sujeito individual, bem como a organização social, e articular a natureza das suas inter-relações, pois ambos são cruciais para compreender o gênero, como ocorre a mudança”. Scott ainda aponta para a importância de levar em conta o conceito de agência humana como uma possibilidade de se construir uma “língua conceitual, que estabeleça fronteiras e contenha, ao mesmo tempo, a possibilidade de negação, de resistência, da reinterpretação que permita o jogo da invenção metafórica e da imaginação” (Scott, 1995, p. 86) em meio às estruturas e processos imersos em sociedades dotadas de língua e, portanto, de normas e limites de atuação.

Nessa perspectiva, gênero apresenta-se, como defende Piscitelli (2001), como um avanço em relação às possibilidades analíticas oferecidas pela categoria mulher. Esta, pensada como binômio feminino/mulher, tornou-se na literatura feminista símbolo de enfoque ultrapassado. Em seu lugar, defende-se a multiplicidade de diferenças em uma categoria que trabalhe nas suas interrelações. Desta forma, não existe uma definição unívoca de gênero, mas reflexões que nos possibilitam elucidar como ocorre a construção social do sexo e as relações de poder sobre as quais se ancora. Neste artigo, seguindo as pistas analíticas deixadas por Scott, pensamos esta categoria como um marcador social de diferenças, que em intersecção com outras categorias, como classe, raça e sexualidade, nos auxilia no entendimento das diferenças e desigualdades sobre as quais nossas sociedades se estruturam e de como são legitimadas a partir do que Teresa de Lauretis (1994) denomina “tecnologias de gênero”, que são produtos culturais que representam os valores de gênero, recriam e reafirmam e reinventam esses valores. O principal produto cultural hoje é a mídia. Segundo Heilborn (1994, p. 1), “essa noção aponta para o fato da vida social, e os vetores que a organizam como, por exemplo, tempo, espaço ou a diferença entre os sexos, são produzidos e sancionados socialmente através de um sistema de representações”. Este se constitui como símbolos, textos e imagens, envolvidos na produção de um produto cultural (no nosso caso — a série), que incide sobre as identidades que lhes são associadas e têm um efeito de regulação na vida social, promovendo o consumo (Du Gay et al., 1997). Desta forma, “a representação inclui as práticas de significado e os sistemas simbólicos por meio dos quais

os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito” (Woodward, 2014, p. 17-18). Vejamos então como as lutadoras se inserem na prática esportiva MMA, enquanto um local considerado tipicamente masculino e, posteriormente, como o episódio da série documental as representa.

Gênero e as lutadoras do MMA no octógono

O esporte moderno começou a se desenvolver na Grã-Bretanha a partir do século XVIII, quando “[...] tornou-se um jogo e os elementos violentos começaram a ser mais controlados” (Dunning, 2014, p. 172). O esporte, desta forma, deriva-se de um processo de esportificação da cultura em movimento, que se intensificou no final do século XIX e início do XX, com a introdução de regras, *fair play*, rendimento técnico-físico, competição, racionalização e cientificação do treinamento, conforme expõe Bracht (2005). Entre as mais diversas modalidades esportivas, as Artes Marciais Mistas (MMA), surgidas no final do século XX, caracterizam-se “[...] pelo emprego de técnicas oriundas de diversas artes marciais e/ou esportes de combate, como capoeira, jiu-jitsu, muay thai, kickboxing, taekwondo, caratê, judô, wrestling, boxe, luta livre e kung fu” (Greespan, 2014, p. 14).

No Brasil, o MMA se popularizou devido, sobretudo, ao Ultimate Fight Championship (UFC), empresa produtora do principal campeonato internacional de MMA do mundo, que transformou essa modalidade esportiva em um produto global, assistido e praticado não apenas por homens, mas também por mulheres. Com a sua popularização, materiais esportivos e diversas organizações de eventos, aparecimento de ligas, foram criados. Tal como o futebol, que é o esporte mais querido do Brasil, o MMA também possui um canal próprio de tevê por assinatura, o Combate, além de ser divulgado pelas redes sociais e pelo canal de tevê aberta, da Rede Globo. O MMA é uma modalidade esportiva de combate, considerada socialmente masculina, sendo uma luta realizada por dois/duas lutadores/as em um ringue com oito lados, em um formato octagonal, inspirado no filme Conan o Bárbaro. Há um ritual para a realização do evento que tem características de um grande espetáculo, que se inicia com a cobertura midiática, a pesagem dos/das lutadores/as antes da luta (já que as lutas são realizadas por categorias de acordo com o peso do/da atleta) e a luta propriamente dita.

O aumento de lutadoras de MMA vem crescendo significativamente no Brasil, desde os anos 90, mas apenas ganhou visibilidade, conforme salienta Greespan (2014), em 2012, com a contratação da primeira medalhista de judô dos Estados Unidos em Jogos Olímpicos, em 2008, Ronda Rousey pelo UFC. Atualmente aposentada, Rousey foi considerada por Dana White, como o principal motivo do MMA feminino estar no UFC (Vicentim, 2013). Vale salientar que o UFC apenas passou a contratar lutadoras 20 anos depois de sua criação, em 2013. A norte-americana tornou-se uma celebridade ao conquistar o cinturão peso-galo do Strikerforce² e foi a primeira a conquistar o Cinturão Peso Galo Feminino do UFC. Detentora da categoria peso galo (até 61,2kg), Ronda conseguiu aliar habilidades técnicas ao padrão convencional de beleza física, interessante em termos mercadológicos, já que o MMA e o mercado esportivo de maneira geral, ainda é fortemente guiado pelo padrão heteronormativo da dominação masculina. As suas características físicas popularizaram ainda mais o MMA feminino, com sua exposição para além da esfera esportiva propriamente dita, com participações de produções audiovisuais hollywoodianas e de campanhas publicitárias de diversos produtos. Ronda não apenas era conhecida por sua força e desem-

penho técnico, mas também por sua aparência física, cuja beleza proporcionou uma cobertura midiática maior, com anúncios publicitários, sendo capa de várias revistas femininas, angariando consumidores para as lutas. Contratada para fazer parte do evento em 2012, perdeu a sua invencibilidade apenas no final de 2015, para Holly Holm. Invicta no MMA e campeã de boxe, Holm derrubou Ronda no segundo round e foi para cima da adversária, acertando-lhe uma série de golpes, que fez o juiz paralisar a luta e decretar o seu fim.

Muito diferente de Ronda Rousey é a trajetória da brasileira Viviane Pereira, conhecida como sucuri, por usar uma técnica denominada clinche, parecida com a força desse réptil, quando a usava durante os treinos com as novatas, controlando-as sem machucá-las. Nascida na pequena cidade de Tauá, no interior do Ceará — município com menos de 100 mil habitantes —, Sucuri entrou em contato com o MMA por meio de um projeto social realizado em Fortaleza. Em 2013, Viviane fez sua estreia como lutadora profissional e, no mesmo ano, subiu no *cage* para uma luta que iria mudar a sua vida, com Duda Yankovich. Nesta luta, Viviane venceu por nocaute, mas também foi duramente castigada pela sérvia, ficando 15 dias sem enxergar após a luta. O ápice de sua carreira foi em 2016 quando assinou com o UFC. Na época, a atleta tinha um repertório de 11 vitórias em 11 lutas. Viviane foi a primeira lutadora do Ceará a estar no UFC e a primeira campeã mundial de MMA pelo Xtreme Fighting Championship (XFC), competição internacional de artes marciais mistas, além de ser dona de quatro cinturões. Após duas derrotas seguidas, seu contrato não foi renovado no UFC, em 2018, e ela passou a lutar pelo Invicta Fighting Championships (IFC), organização de artes marciais mistas que promove apenas o MMA feminino. Em maio, a atleta teve um menino. Ao saber de sua gravidez, Viviane perdeu dois patrocinadores, chegando a fazer “vaquinha virtual”, pedindo ajuda pela internet às pessoas para montar o enxoval do seu bebê, que nasceu em maio de 2020 (Carvalho, 07/03/2020).

Metodologia

Em termos de procedimento de pesquisa, a compreensão da representação das lutadoras do UFC no documentário *Mulheres na luta* pressupõe a forma pela qual se atribui sentidos ao gênero feminino por meio dos modos de narrá-lo. Trata-se de pesquisar o discurso como prática social. Acreditamos que a partir daí é possível apontar quais são os sentidos das narrativas produzidas no discurso midiático, de modo geral, sobre as lutadoras e os efeitos de sentidos daí derivados a partir das experiências por elas narradas. A narrativa é uma forma de mediação com o mundo. Com ela os fenômenos são materializados por meio da representação, interpretação, crítica e da transformação da experiência (Silva; Santos, 2015).

Conforme observam Jacques Aumont e Michel Marie (2004), uma vez que não existe um método universal para analisar filmes (incluindo as séries documentais), é preciso escolher aquele que melhor se ajuste ao objeto da pesquisa. Nas suas palavras, “[...] até certo ponto, não existem senão análises singulares, inteiramente adequadas no seu método, extensão e objeto, ao filme particular de que se ocupam” (Aumont; Marie, 2004, p. 15).

Partindo dessa perspectiva, analisamos o episódio buscando entender sua estrutura da narrativa decompondo-a em “unidades narrativas” (Aumont; Marie, 2004), que foram examinadas isoladamente e em conjunto a partir da leitura que realizamos inicialmente. A leitura buscou lançar um olhar atento tanto para as dimensões visual e verbal quanto para as relações entre elas. Para realizar a leitura, primeiro, assistimos repetida e detalhadamente

o episódio, buscando identificar como ocorrem as construções sociais do sexo e as relações de poder sobre as quais se estruturam. Em seguida transcrevemos as falas enunciadas no documentário, a fim de servir de apoio para uma análise mais abrangente. Buscamos entender como os ângulos da câmara, o ambiente das cenas, a caracterização das personagens, as falas, os silêncios, as ausências contribuíam para a tessitura dos fios narrativos e para a construção do ponto de vista da protagonista (Santos; Lopes, 2017).

Vejamos então como a análise e interpretação das narrativas do episódio revelam aspectos sobre as relações de gênero presentes neste esporte.

Análise e interpretação do corpus

O episódio se inicia com a imagem de Viviane entrando no ringue para uma luta promovida pelo UFC, de costas para a câmera, diante de uma grande plateia, com sua voz ao fundo dizendo, “é minha casa, é o que sei fazer de melhor. Então, ninguém vai me tirar essa vontade, esse desejo de ser algo ainda maior na vida. É onde me sinto bem”. A entrada triunfal da lutadora reflete a busca de inúmeras lutadoras pelo estrelato que o mundo do “esporte espetáculo” (Bracht, 2005) propicia, especialmente para aquelas provenientes de setores economicamente desprovidos da sociedade brasileira, como é o caso de Viviane. Em um contexto social de horizontes limitados, a atividade esportiva profissional em uma franquia norte-americana, como é o UFC, aparece como um caminho de ascensão social, prestígio e vantagens materiais.

Logo descobrimos que Viviane vem de uma das regiões mais vulneráveis do país, que registra um alto índice de pobreza, com cerca de 43,5% da população brasileira vivendo nessas condições. Segundo dados de 2017 do IBGE, “cerca de 50 milhões de brasileiros, o equivalente a 25,4% da população, vivem na linha de pobreza e têm renda familiar equivalente a R\$ 387,07 — ou US\$ 5,5 por dia, valor adotado pelo Banco Mundial para definir se uma pessoa é pobre” (Oliveira, 2017).

Sentada, diante da câmera, Viviane fala de dificuldades financeiras que a sua família passou e da mudança, junto com os seus irmãos e a sua mãe, de uma pequena cidade para Fortaleza, capital do Ceará, uma grande cidade do nordeste, buscando melhores condições de vida: “Pequena, fui para Fortaleza, com quase 8 anos. A gente veio porque a gente estava passando muita necessidade. Então minha mãe conseguiu um emprego aqui em casa de família”. Em seguida, aparece, no episódio, a sua mãe, com uma história muito comum à maioria das mulheres nordestinas ao contar que deixou os três filhos em sua cidade natal durante um ano, só conseguindo trazê-los para morar com ela depois que se juntou com seu atual companheiro:

Mãe de Viviane: Eu saí de Tauá, separei lá, vim morar aqui com uma cunhada. Daí fui trabalhar com ela. Daí, conheci o Fernando, né? Foi quando a gente começou a se gostar e foi morar junto. Um ano que a gente estava junto, a gente buscou meus três filhos: Viviane, Albertina e Flávio.

A fala de Viviane é, na série documental, alternada com a do seu treinador e com a da sua mãe, que aparece no episódio sempre realizando uma tarefa doméstica, seja varrendo a casa, ou fazendo comida. No documentário, a sua mãe representa um padrão feminino ligado à casa, estando circunscrita à esfera doméstica, e indica o modelo patriarcal que

estrutura as famílias brasileiras, cuja centralidade é o homem. No episódio, o conflito familiar é exposto pela mãe, pelo treinador e por Viviane, e aponta à dificuldade da mãe e, sobretudo, do padrasto de aceitá-la como lutadora profissional. A recusa do padrasto em aceitar que Viviane se tornasse uma lutadora de MMA, assim como as agressões que a lutadora relata ter sofrido dele devido ao seu forte temperamento, com a condescendência da mãe, que acha que esta profissão não “é coisa de mulher”, permeia o episódio. Muito embora seu padrasto não apareça no episódio, sua presença é imperativa e associa-se à violência e à dominação por bater na atleta e não aceitar sua escolha profissional. Nas palavras de Viviane:

A minha mãe achava que aquilo não era para uma mulher e tinha que fazer outra coisa; e meu padrasto, pela questão de quando ele vinha me bater, eu já sabia me defender e ele achava que aquilo ia ser um afronta para ele. Ele não ia ter mais autoridade sobre mim, eu me defendia [...].

Para a mãe, os problemas em casa começaram quando Viviane começou a treinar MMA:

Mãe de Viviane: Foi quando a Viviane entrou nesse projeto e começou dentro de casa as coisas que ela não gostava porque ele [o padrasto] não aceitava; ele não queria e eu também não. Como mãe, eu tinha medo, porque ela era uma menina; entrar num ramo desse, com um trabalho que para mim era violento. Eu disse: nossa filha, isso é coisa de homem! A gente dá estudo para ti, para você se formar uma médica, uma advogada, uma juíza.

Couto e Schraiber (2013) apontam para importantes transformações em torno das atribuições referentes a homens e mulheres nos últimos 40 anos no Brasil, que (re)configuraram a identidade feminina. Nas palavras das autoras:

Os questionamentos sobre a restrição das mulheres ao espaço privado (casa) e ao cargo de esposa, mãe e cuidadora, foram em boa parte, desencadeados pela atuação dos movimentos feministas, especialmente a partir da década de 60 e impulsionados pelas mudanças socioeconômicas e demográficas que repercutiram no interior das famílias. (Couto; Schraiber, 2013, p. 43)

Não podemos afirmar que a mãe de Viviane considere que o lugar da mulher seja em casa, circunscrita ao espaço privado, já que ela gostaria que sua filha seguisse uma das profissões tradicionais e de prestígio, como as de médica, de juíza ou advogada, as quais durante muitos anos estiveram circunscritas ao domínio masculino. Essas profissões, hoje comuns entre as mulheres brasileiras de uma classe social mais favorecida, se difundiram como um modelo para as mulheres de todas as classes sociais, inclusive as menos favorecidas, que não têm acesso às escolas de qualidade e recursos materiais que tornem viável a ascensão social por meio dessas profissões de prestígio e status.

No entanto, se isso diz respeito às profissões tradicionais, o mesmo não pode ser dito no que tange à esfera esportiva, ainda considerada como um reduto masculino, especialmente em suas diversas modalidades competitivas, como as de luta, e nisso se enquadra o MMA. Aldeman (2006) afirma que a disputa das atletas pelo acesso, recursos materiais e simbólicos além da busca de legitimidade nos espaços esportivos, encena a luta por um

maior controle sobre seus corpos e também de suas vidas. E isso, em nossa perspectiva, parece premente nas lutadoras de MMA, cujas narrativas se assemelham às das amazonas de hipismo clássico, pesquisadas por Aldeman (2006); muito embora, as amazonas tenham uma origem sócio-econômica alta provindas de uma elite, o que não é o caso das lutadoras, exemplificadas por Viviane Sucuri, que provém dos setores mais baixos, configurando o que Jessé de Souza (2010) chama de “classe trabalhadora” brasileira. Incorporando à nossa análise a reflexão de Aldeman sobre as relações entre gênero e esporte, a participação esportiva das mulheres no MMA parece fomentar o empoderamento feminino, que ajuda a desconstruir poderosas normas sociais baseadas nas dicotomias e hierarquias de gênero.

Viviane aparece como um modelo alternativo ao padrão hegemônico heteronormativo, expressando uma outra possibilidade à polaridade entre o feminino e o masculino, na qual predomina a visão de que as mulheres seriam cuidadosas, frágeis e passivas, enquanto os homens seriam fortes, viris e violentos.

O MMA aconteceu na sua vida como uma “libertação” (expressão usada pela lutadora), por meio de um projeto social, que poderia possibilitar uma vida diferente da vivida por sua mãe e outras mulheres da mesma origem socioeconômica que a sua. Também era uma oportunidade de se livrar das agressões sofridas pelo padrasto, que não admitia ver a sua autoridade contestada. A fala de Viviane expressa um empoderamento, por meio de alguém que busca seu destino:

É muito difícil, o pessoal quer que todo mundo viva no seu mundinho igual a todos. Então eu quis ser diferente. Não vou trabalhar para construir um sonho dos outros, vou trabalhar para construir meu próprio sonho. É isso que é certo, não ser moldado, mas sim se moldar naquilo que você quer, naquilo que você busca na vida. Se é algo maior, sacrificar tudo para ser alguém grandioso lá na frente.

O sacrifício, a agressividade, a dor física, o treinamento árduo e exaustivo em um esporte de alto rendimento como é o MMA é visto pela atleta como um meio para conquistar seu objetivo que é ser campeã. A convivência diária com a dor e o sacrifício impostos pelo esporte constituem-se como uma ética própria dos lutadores.

Por meio das narrativas de Viviane o documentário mostra que, mesmo com tantas dificuldades financeiras, sem recursos, falta de estrutura para treinar e passando fome algumas vezes, a atleta vence na sua estreia, em 2013, como lutadora profissional e, no mesmo ano, sobe no *cage* para uma luta que iria mudar a sua vida. A luta contra Duda Yankovich é considerada um marco para a carreira de Viviane Sucuri, porque possibilitou assinar o tão sonhado contrato com o UFC. Entretanto, apesar de vencer por nocaute, ela saiu muito machucada pela sérvia de 1,80 metros. Nas palavras de Viviane, “foi onde na briga eu mostrei que não era mais uma promessa, eu estava chegando para ficar”.

Após ser contratada pelo UFC e com o dinheiro da bolsa, Viviane fala para as câmeras que saiu da casa da sua mãe e passou a morar sozinha, contrariando a vontade dela que a queria por perto. O desfecho do episódio retoma o seu início, mas vai além na medida em que apesar de todas as dificuldades vividas pela lutadora, que acabaram criando problemas de cunho psicológicos, segundo seu treinador, ainda assim ela demonstra determinação e acredita que todas as dificuldades pelas quais passou serviram para fortalecê-la: “Então essa vontade de vencer vem das minhas dificuldades, de todo mundo dizer que não

vou conseguir, que eu vou vencer. Ninguém vai dizer que não vou, então vou mostrar para todo mundo que eu posso”.

Considerações

O episódio aponta para questões relacionadas ao gênero feminino e a construção de identidades relacionadas ao que Jessé de Souza (2010) chama de “classe trabalhadora” brasileira, fazendo-nos refletir sobre um contexto sociocultural marcado por diversas assimetrias de classe, raça e de gênero. Viviane Sucuri é uma atleta que encontra no MMA, por meio de um projeto social, uma possibilidade de não apenas fugir a delimitação econômica de sua classe social, como também a uma concepção universalista de mulher, que a coloca em um lugar determinado e essencialista.

Apesar do episódio focar na determinação da lutadora, de suas dificuldades, vitórias e lutas perdidas, encontramos na fala da lutadora uma narrativa meritocrática, que esbarra uma experiência de falta e precariedade porque revela a invisibilidade da pobreza e das assimétricas divisões de gênero, raça e classe social em um país cuja perversidade deixa sequelas não apenas nos corpos, mas sobretudo na alma, na psique, daqueles cujo dia a dia é uma luta pela sobrevivência diante de tantas adversidades.

À questão do gênero soma-se à discussão acerca do esporte e do contexto social sobre o qual este está inserido. Alvarez e Marques (2013), ao refletirem sobre o MMA e as sociedades capitalistas contemporâneas, afirmam que esta modalidade esportiva foi pensada para se adequar à sociedade midiática. Chamamos atenção ao “esporte-espetáculo”, de alto rendimento e ao “culto da performance” (Ehrenberg, 2010), numa cultura de experimentação e autossuperação, na qual o MMA está imerso. A noção do capitalismo como produtor de subjetividades, na qual o desejo vem em primeiro plano, é fundamental na compreensão de como estas subjetividades estão sendo moduladas, de como o gênero aparece midiaticamente. A compreensão do gênero, por meio das representações midiáticas das atletas de UFC faz parte de um modelo de capitalismo no qual “o indivíduo leva em si mesmo a condição de subordinação” (Lazzarato, 2011), que se constitui ao redor de sua autonomia. Ou seja, o indivíduo se torna não apenas produtor de si mesmo como também responsável por si próprio, cabendo a ele e somente a ele o sucesso e o fracasso. Esse indivíduo que é capaz de tudo e que assume responsabilidade pela sua vida permeia a narrativa da lutadora. Viver como herói(na), bater suas metas e vencer batalhas assumindo total responsabilidade pelo seu sucesso profissional permeia a construção da subjetividade dessa lutadora.

Recebido em: 04/03/2021

Aceito em: 11/04/2021

¹ Versão do trabalho apresentado ao GI (GI-1. Comunicación, Género y Diversidad Sexual), no XV Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC), 2020.

² Strikeforce foi fundado em 1985 como uma organização de kickboxing. Foi vendida em 2011 à sua concorrente UFC.

Referência

- ADELMAN, Miriam. Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. **Movimento**, v. 12, n. 1, p. 11-29, jan./abr. 2006.
- ALVAREZ, Fábio; MARQUES, José Carlos. Da marginalidade ao mainstream: reflexões sobre o MMA (Artes Marciais Mistas) e as sociedades capitalistas contemporâneas. **E-compós**, Brasília, v.16, n.3, set./dez., 2013. Disponível em: <compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/965/713>. Acesso em: 20 mar. 2015.
- AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A análise do filme**. 3 ed. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2004.
- BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Ijuí: Unijuí, 2003.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.
- CARVALHO, Beatriz. Ex UFC, cearense Viviane Sucuri, faz “vaquinha” na internet para ajudar em gravidez. **Globo.com**, 07/03/2020. Disponível em: <globoesporte.globo.com/ce/noticia/ex-ufc-cearense-viviane-sucuri-faz-vaquinha-na-internet-para-ajudar-em-gravidez.ghtml>. Acesso em: 20 jul. 2020.
- COUTO, M. T. & SCHRAIBER, L. B. Machismo hoje no Brasil: uma análise de gênero das percepções de homens e mulheres. In: VENTURI, Gustavo e GODINHO, Tadeu (orgs.). **Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado**. São Paulo: SESC/Fund. Perseu Abramo, p.47-61.
- DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: H. B. Hollanda (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- DU GAY, Paul et al. **Doing Cultural Studies: the story of the Sony Walkman**. Londres: Sage, 1997.
- DUNNING, Eric. **Sociologia do esporte e os processos civilizatórios**. São Paulo: Annablume, 2014.
- EHRENBERG, Alain. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa**. São Paulo: Ideias e Letras, 2010.
- GRESPLAN, Carla Lisbôa. **Mulheres no Octógono: performatividades de corpos e de sexualidades**. 2014. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, UFRGS, Porto Alegre, 2014.
- HEILBORN, Maria Luiza. De que gênero estamos falando? In: **Sexualidade, Gênero e Sociedade**. Ano 1, n. 2 CEPESC/IMS/UERJ, 1994. Disponível: <scribd.com/document/152730254/HEILBORN-De-que-genero-estamos-falando>. Acesso em: 03 mar. 2019.
- LAZZARATO, Maurizio. Atualmente vigora um capitalismo social e do desejo. Entrevista com Maurizio Lazzarato. **Instituto Humanista Unisinos**. 4 jan. 2011. Disponível em: <ihu.unisinos.br/noticias/39543-atualmente-vigora-um-capitalismo-social-e-do-desejo-entrevista-com-maurizio-lazzarato>. Acesso em: 22 jun. 2016.
- NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, v.8, n.2,

2000. Disponível em: <periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917>. Acesso em: 01 ago. 2019.
- OLIVEIRA, Neymar de. IBGE: 50 milhões de brasileiros vivem na linha de pobreza. **Agência Brasil**, 15/12/2017. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2017-12/ibge-brasil-tem-14-de-sua-populacao-vivendo-na-linha-de-pobreza>>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- SILVA, Míriam Cristina Carlos; SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. Peregrinação, experiência e sentidos: uma leitura de narrativas sobre o Caminho de Santiago de Compostela. **E-Compós**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 1-15, maio/ago. 2015.
- PISCITELLI, A. Recriando a (categoria) mulher?. In: ALGRANTI, L. (org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. Textos Didáticos, n. 48. Campinas, IFCH-Unicamp, 2001, p. 7-42. Disponível em: <pagu.unicamp.br/sites/www.pagu.unicamp.br/files/Adriana01.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2019.
- ROCHA, Pedro. Série documental do GNT mostra as histórias de lutadoras de MMA. **O Estado de S. Paulo**, 2 de dez. 2018. Disponível: <cultura.estadao.com.br/blogs/radar-cultural/serie-documental-do-gnt-mostra-as-historias-de-lutadoras-de-mma/>. Acesso em: 03 fev. 2019.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.
- ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 343-364.
- RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo**. Recife: SOS Corpo, 1993.
- SANTOS, Tarcyanie Cajueiro; LOPES, Felipe Tavares Paes. Esporte, gênero e ideologia: a (des)construção de Ronda Rousey no comercial #PerfectNever. **E-Compós**, v. 20, n. 3, 2017. Disponível: <e-compos.org.br/e-compos/article/view/1323>. Acesso em: 12 nov. 2018.
- SOUZA, Jessé de. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- TONELI, Maria. Sexualidade, gênero e gerações: continuando o debate. In: JACÓVILELA, & SATO, M. (orgs.). **Diálogos em Psicologia Social**. Porto Alegre: Ed. Evangraf, 2007.
- VICENTIM, Joice. **Ronda Rousey: conheça a história desse furacão que mudou o destino do MMA feminino**. 5 fev. 2013. Disponível em: <mmapremium.com.br/16783/ronda-rousey-conheca-a-historia-desse-furacao-que-mudou-o-destino-do-mma-feminino/>. Acesso em: 12 dez. 2015.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tadeu da S. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.